

ANGELINO¹

(1549-1550)

(ROMANCE)

Maciel da Costa

*Le destin est inexorable
quand it
Pousuit sa victime;
quelquefois il
La couvre d'infamie sur la
pierre du
tombeau*

FRED. SOCLIÉ, COMTE DE TOULOUSE



[25]² O homem é um mistério. As contradições reveladas pela sua natureza [26] são os escolhos onde se anulam todos os esforços de reflexão; as leis, que o regem, oferecem a impossibilidade de serem fixadas. De quantos ataques e injúrias o fatalismo não tem sido o alvo?! Todavia, sem expendermos a seu respeito o nosso pensar, publicaremos o seguinte romance, cujo fundo é histórico e, portanto, verdadeiro, que na verdade é um enérgico documento que comprova a existência do fatalismo.

I

¹ COSTA, Maciel da. Angelino. *Correio das Modas*, Rio de Janeiro, ano 1, v. 1, n. 4, p. 25-30, 26 jan. 1839.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

Un mot ! c'est la foudre.

V. HUGO

Vivia em Veneza, no tempo do Doge Francisco Donato, um nobre coberto de serviços, distinto pelo seu saber raro e profundo, porém muito célebre pelas suas extravagâncias amorosas. Era o Conde de Spallazi. Concentrava todo o seu prazer em suas romarias amatórias, no estudo, e na companhia de Júlia e Angelino. Para esse fim tinha admiravelmente dividido o seu tempo.

Júlia era sua filha: porém levado por certos preconceitos sociais ocultava a qualidade de pai. Angelino era um pobre órfão, que lhe foi confiado por um amigo na hora da morte. Este era de um gênio sombrio e melancólico, e sua irmã adotiva era jovial e sensível...

Quando o homem depois de sentir a existência desconhece os autores de seus dias, quando um véu tenebroso envolve o seu berço, que martírios não sofre! Então ele deseja o túmulo, a vida é uma ilusão, os prazeres são tormentos, a incerteza é um espectro que o persegue, e ele fica envolvido, em certos momentos, nas fúnebres apatias da indiferença. Tal era o estado desesperado em que vivia Angelino que já tinha dobrado os seus dezoito anos.

Acresce a esta circunstância que o pobre órfão consagrava a Júlia um amor violento e taciturno; ele amaldiçoava a sua existência. Quantas vezes, banhado em pranto, dizia:

— Sem pai, sem mãe o que faço sobre a Terra?! Tênuê arbusto batido pelo vento das tempestades como poderei resistir à sua violência! Vítima de um amor desgraçado, só desejo a morte, a qual para mim é um momento.

Oh! maldição! maldição ao ventre que me gerou, e ao cruel que como fraco baixel me desamparou neste mundo, oceano sem margens, de inconsequências e horrores! Júlia! Júlia! — A este nome o infeliz estremecia.

Quereis conhecer o amor de Angelino? A natureza tem uma única imagem que o possa representar: são os desertos africanos onde um céu de ferro em brasa pesa sobre areais estéreis como a desesperação e mudos como o sepulcro³. E quem não amaria a sua mimosa companheira? Figurai-vos um pintor embalado pelos sonhos da sua esquentada fantasia querendo pintar uma formosa virgem, remonta-se pelo pensamento até ao céu, aí rouba todos os encantos divinos e com estes forma o retrato.

Esse retrato é o de Júlia.

Um dia Angelino, para espairecer sua melancolia, foi dar um passeio. Objeto algum o podia distrair da sua ideia dominante, até que passando cerca um grupo de mancebos, distintamente ouviu a seguinte conversa:

— Ora o conde Spallazi é muito feliz!!

— Por quê?

— Tem em sua casa uma jovem muito bela por amante!!

— Sabes isso com certeza?

— Ele mesmo me contou.

Sobre Angelino o raio não faria tão terríveis efeitos como os que foram deixados por estas palavras.

[27] Lavrou o ciúme e o furor no peito do desgraçado.

Logo que chegou à sua residência, encontrando-se com um dos criados do conde perguntou-lhe:

— Onde está o Conde?

³ A. F. de Castilho.

— Foi para a Vila⁴.

— Sela-me um cavalo.

Poucos momentos depois o cavalo estava pronto. O protegido do senhor de Spallazi, sem ver aquela que tanto adorava, partiu a toda brida.

Onde vai o mancebo inconsequente? Vai fixar a data da qual principiarão os seus infortúnios, obedecer ao seu destino. Eram onze horas da noite quando Angelino apareceu na presença do conde que, assustado de ver a tais desoras aquele que sempre tratou como filho, lhe dirigiu as seguintes palavras:

— Tu por aqui a estas horas, aconteceu alguma coisa à minha Júlia?

— Nada — lhe respondeu o mancebo muito tranquilo.

— Então o que vieste cá fazer? — lhe replica o conde levantando-se de um sofá onde estava recostado.

— Conde, já é tempo de não dissimular o amor que consagro a Júlia, eu exijo a sua mão — responde o jovem com os olhos banhados em pranto.

— A tua razão está alucinada, e até estou muito assustado com uma tal exigência a estas horas. É impossível.

— Impossível! — lhe torna Angelino, em cujos olhos já não se viam lágrimas, mas sim os sinais de furor. Depois de uma pausa continuou:

— É minha irmã?

— Não.

— É tua filha?

— Não — lhe responde o conde embaraçado.

— Então o que ela é?

— Que te importa?

⁴ Casa de campo.

— Pois bem. Conde, romperam-se os laços que me ligavam à tua pessoa. És um vil sedutor.

— Miserável! — diz o Sr. de Spallazi todo iras.

— Os homens de honra têm um meio de vingar as injúrias. Aí tendes dois floretes no canto da sala.

Foi Angelino buscar os floretes e atirando um aos pés do seu benfeitor, disse:

— Em guarda.

— Espera, ingrato, a quem amei sempre como filho, antes de bater-me quero revelar o fatal segredo do teu berço.

Angelino estremeceu.

— Teu pai!... não. Angelino, nada te digo — torna o conde.

Os ferros cruzaram-se.

— Continuai — lhe replica o delirante jovem —, quereis inventar alguma calúnia? Estais com medo?

— Teu pai... teu pai... era o carrasco de Florença e o seu cargo é hereditário! — diz o conde trêmulo atirando com o florete.

Angelino deu um grito e caiu desmaiado.

O filho do carrasco cobrou vida ao cabo de alguns minutos, e pediu mil perdões ao seu benfeitor, exigindo da sua honra que não contasse coisa alguma a Júlia. Contra a vontade do conde ele montou a cavalo, e partiu acompanhado de um criado, levando também uma carta que o conde lhe dera.

Oito dias depois deste sinistro evento, Júlia e seu pai viviam em profunda tristeza. Qual a razão? Angelino tinha desaparecido.

II

On vous poursuit, malheureux!

sauvez-vous.

A. de Vigny.

Spallazi tinha-se mil vezes arrependido de ter caído na imprudência de [28] comunicar um segredo que, debaixo de sua palavra de honra, prometera ocultar sempre. Conhecia perfeitamente a índole de Angelino, e por isso, o passo que dera aparecia-lhe como um vivo remorso. A bela Júlia estava inconsolável, ela amava o seu companheiro da infância com todas as forças da sua alma. A bela rosa do vale principiava a sentir os sopros ardentes do tufão abrasador da desgraça.

Ia apartar-se daquele que considerava como seu benfeitor e que era seu pai.

Um dia de tarde um dos amigos de Spallazi entra assustado pelo palácio, e avisa ao conde que brevemente seria preso por conspirar contra o Estado. Spallazi sem perder tempo chama a sua Júlia.

— Tem coragem! Vou deixar-te porque daqui a poucos momentos serei preso.

— Meu Deus! — lhe responde a bela virgem arremessando-se aos seus braços, e banhada em pranto. Era a imagem da aflição com todos os seus tormentos.

— Tranquiliza-te. Deus é grande. Irás para a casa da Marquesa Concini. Ela será tua segunda mãe. Os meus bens serão confiscados, mas toma essas chaves das minhas caixas de ferro e nelas acharás bastante ouro. Tranquiliza-te que sempre terás notícias minhas.

Júlia recebeu as chaves. Ajoelhou-se de mãos postas com os belos olhos erguidos para o céu. Conservou-se nessa posição durante meia hora enquanto o conde fazia seus arranjos. Parece que ela esperava algum socorro divino; mas o céu foi surdo às suas preces.



Duas horas depois a Justiça entrou no palácio. Tudo estava deserto. O conde tinha já fugido e Júlia estava em casa da Marquesa Concini.

III

*Oh! belle fleur d'automne! Forage
du malheur a flétri tu couleur.
Félix Davin.*

Angelino nessa mesma noite em que tinha abandonado a Villa jurou não ver mais Spallazi e a sua amada. A vergonha e rancor o impediam, principalmente depois de ter lido a carta que seu benfeitor lhe entregara, a qual era e ele próprio dirigida e concebida nos seguintes termos:

“Meu caro Angelino, peço-te mil perdões por revelar-te um segredo que o túmulo devia encerrar. Para que foste imprudente? Enfim resigna-te: podes ser feliz. Teu pai ainda existe, e depois que ele morrer, minha Júlia, que é na realidade minha filha (do que peço segredo) será tua. Um nobre francês, meu amigo, M. de la Sablière, devendo muitas obrigações a teu pai, quis livrar-te da infâmia, e levou-te para sua casa, tendo tu apenas dois anos de idade. Caindo doente e quase a expirar pediu-me que te educasse, e não

te revelasse o teu nascimento. Eu te farei feliz: tranquiliza-te que esta revelação fica entre nós ambos.

Teu amigo,
o conde de Spallazi.”

Quantos suspiros não dava o pobre órfão com a leitura desta carta! Quantas vezes não dizia: Oh! porque se revelaram tantos horrores compreendidos em duas palavras: O *Filho do Carrasco*! Por que não se guardou o fatal segredo até ao túmulo que é o selo do mistério?!

Achando-se Angelino só (pois tinha despedido o criado debaixo de falsos pretextos) tratou de vender o seu cavalo para ter algum dinheiro, e alugou [29] uma casinha em uma rua estreita e solitária. No mesmo dia em que para ela entrou, ainda quis ter a coragem de ler a maldita carta. Porém, que infelicidade, ele a tinha perdido! Sai como um doido, e na porta esbarra com um homem bem trajado.

— Mancebo — lhe diz este com um ar inquieto —, esta carta será vossa?

— Onde a achastes, senhor? — lhe pergunta o jovem assustado.

— Na porta da minha casa que é contígua à vossa.

— Lestes o seu conteúdo?!

— Li.

— Fostes bem imprudente, e quem sois vós?

— Angelo, o *Carrasco*! — responde o homem.

— Meu pai! — diz Angelino levando ambas as mãos ao rosto todo trêmulo.

— Angelino! — lhe torna o homem atirando-se de joelhos aos pés de seu filho.

Aquele que tem visto tantas vítimas aos seus pés, tendo erguido tantas vezes o alfange sobre as suas cervizes, o carrasco está agora de joelhos! Quanto pode a natureza!

O Carrasco e o seu filho foram viver juntos.



Havia em Veneza um Tribunal chamado dos Dez. Ele tinha ouvidos em todas as partes da cidade, olhos em todas as casas; e quando o acusado de algum crime contava evadir-se, um braço de ferro o agarrava e o sepultava em profundas masmorras. Foi esse mesmo Tribunal que veio ao conhecimento de que Angelino era filho do Carrasco, e como este já se achava em decrepitude, ordenou que fosse substituído pelo seu próprio filho, já que o cargo nessa época era hereditário. Angelino que já tinha perdido o seu benfeitor e a sua amada a quem ainda adorava, desterrando todas as ilusões da vida porque não podia retrair-se, por nem-um modo, à infâmia que o cobria, aceitou o novo cargo.

Enquanto tinham lugar estes acontecimentos, a bela Júlia tinha feito todas as diligências necessárias para descobrir aquele a quem desde a infância havia entregado o seu coração. Tudo foi em vão. Uma vez que estava na janela julgou ver um indivíduo semelhante ao seu amante, manda aos criados que o procurem.

O indivíduo tinha desaparecido.

Ficou ela sepultada em profunda tristeza. Ah! a desgraçada ignorava ainda os tremendos golpes que lhe havia preparado o destino. Nesse mesmo instante vem a Marquesa ter com a sua jovem amiga.

— Não sabes, Júlia? Um senhor de distinção vai amanhã ser decapitado. E não sei quem é. Como guarda segredo o nosso respeitável Tribunal!

Júlia sentiu o sangue estagnar-se em suas veias.

Era noite, as amigas foram-se deitar. Porém Júlia não pôde dormir.

IV

*Là bas, l'échafaud! ici, la folie
et partout la fatalité!!!
D'Arlincourt.*

— Para onde corre tanto povo? Para que tanta pressa?

— Há uma execução.

— Que miséria humana! Quem será o executado?

— É o conde de Spallazi! Tendo há oito dias entrado em Veneza de noite, o Tribunal, que já andava à pista dele por conspirar contra o Estado, o agarrou e o condenou à morte!

Assim conversavam os mesmos jovens que, como já vimos, proferiram as palavras funestas que causaram a desgraça de Angelino. Este acompanhado por seu pai esperava a vítima: [30] era o seu primeiro ensaio. Oh! não queremos narrar as suas ânsias mortais, o seu encontro com o seu benfeitor! Ocupemo-nos com Júlia.

Neste entretempo foi que Júlia soube de tudo. Corre ao palácio do Doge, chega à sua presença.

— Perdão! perdão! ele está inocente! — lhe diz a bela veneziana quase delirante.

— Não lhe posso valer, senhora; — lhe torna o Doge enternecido.

— Por quê?

— Porque as provas do seu crime estão patentes. Aqui tendes esta carta que a vós é dirigida.

Júlia recebe a carta e mal apenas pôde ler o segredo do seu nascimento e os adeuses de seu pai.

— Ele é meu pai! Perdão!

De repente abre-se uma porta e entra um homem, que parecia um Anjo da Morte, trazendo na mão esquerda pelos cabelos uma cabeça ensanguentada e na direita um alfange desembainhado. Pálido como um espectro, com os olhos vesgos, atira com a cabeça aos pés do Doge, e diz em alta, mas rouca voz:

— Eis a cabeça do conde de Spallazi.

Júlia que estava sentada num canto da sala a chorar, ao ouvir o nome de seu pai, levanta-se, reconhece Angelino e exclama:

— Que horror! Tu! O algoz de meu pai! — e caiu morta.

Reinou por alguns instantes o silêncio do túmulo e do espanto.



Dois meses depois de tão lúgubre história, lia-se na porta do Conselho dos Dez um decreto nomeando outro algoz. Quando os habitantes de Veneza lembravam-se de Angelino, diziam: *Coitado! enforcou-se, foi o carrasco de si mesmo!*



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes

Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur,
Rosane Velloso e Sora Maia Souza

Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

